





Organización  
de las Naciones Unidas  
para la Educación,  
la Ciencia y la Cultura

**CERLALC**

Centro Regional para o Fomento do  
Livro na América Latina e o Caribe  
Sob os auspícios da UNESCO

**Carolina Arredondo Marzán**

*Ministério da Cultura, as Artes e o Patrimônio de Chile  
Presidenta do Conselho*

**Margareth Menezes**

*Ministério da Cultura do Brasil  
Presidenta do Comitê Executivo*

**Andrés Ossa**

*Diretor*

**Alberto Suárez**

*Secretário Geral (e)*

**Fredy Forero**

*Gerente Direitos Autorais*

©Textos: Andrés Ossa

©CERLALC

Tradução: João Gabriel Barroso

Diagramação: Magdalena Forero Reinoso



No contexto da evolução tecnológica, as pessoas frequentemente adotam uma das seguintes três estratégias para integrar as inovações em suas vidas diárias: 1) usá-las como uma extensão de habilidades pré-existentes, como o uso do telefone para ampliar a comunicação verbal; 2) utilizá-los para superar limitações físicas, exemplificadas no desenvolvimento de aeronaves que permitem subir aos céus, e 3) delegar tarefas consideradas tediosas ou difíceis de aprender, como optar por um gravador para documentar reuniões, dispensando a taquigrafia. Na prática, essas estratégias muitas vezes se combinam para criar aproveitamentos multifacetados dos avanços que redefinem nossa existência.

Diante da ascensão da inteligência artificial, parece que a sociedade está se inclinando para uma mistura das três estratégias de adaptação anteriormente mencionadas, sem estar plenamente consciente dos perigos ou benefícios que isso pode representar para os alicerces da nossa civilização.

Há 66 anos, Isaac Asimov, em seus contos *A última resposta* e *A última pergunta* deu algumas indicações sobre como devemos enfrentar os desafios apresentados por uma tecnologia tão disruptiva para nossa sociedade. Uma inteligência artificial que delineia desafios a partir das novas exceções que os direitos autorais poderiam ter, a redefinição do conceito de criatividade e originalidade, a resolução de problemas complexos para fins humanitários, o impacto no emprego e até novas táticas para travar a guerra, entre outras questões.



Em *A Última Pergunta*, uma inteligência artificial chamada Multivac é usada para impulsionar nossa criatividade e resolver problemas altamente complexos:

*Multivac ajudou a projetar espaçonaves e traçar as trajetórias que permitiram ao homem chegar à Lua, Marte e Vênus, mas depois disso, os pobres recursos da Terra não puderam mais ser úteis para a espaçonave. Muita energia era necessária para longas viagens e, embora a Terra explorasse o seu carvão e urânio com eficiência crescente, havia um fornecimento limitado de ambos.*

*Mas aos poucos, Multivac aprendeu o suficiente para responder com mais profundidade às questões mais complexas e, em 14 de maio de 2061, o que até então era teoria tornou-se realidade.*

*A energia do Sol foi armazenada, modificada e utilizada diretamente em todo o planeta. O hábito de queimar carvão e fissionar urânio cessou em todos os lugares... (Asimov, 1956, p. 1)*

Embora o enredo da história resida numa questão que nem mesmo o Multivac consegue resolver em bilhões de anos: é possível reverter o princípio da entropia? A conclusão da história mostra que um ato final de criação só é possível através do armazenamento e processamento do conhecimento acumulado ao longo do tempo. Isto realça a capacidade do engenho criativo para forjar começos renovados e horizontes ilimitados.

A adoção precipitada de ferramentas de inteligência artificial está aumentando a dependência das pessoas em relação às máquinas, na melhor das hipóteses, para encontrar respostas



a questões complexas. Isto aponta para uma fusão entre a criatividade humana e a capacidade computacional, o que poderia levar a uma nova forma de “pensar”.

Da psicologia econômica, criatividade é definida como um agrupamento de ações humanas que se concentram na realização de objetivos particulares, levando em conta os meios disponíveis. A originalidade se manifesta na invenção de algo novo, mas também na reestruturação e rearranjo de elementos já existentes para atingir objetivos específicos.

No contexto da inteligência artificial, estamos lidando com uma entidade que, embora não tenha propósitos conscientes próprios, é programada para “criar” com base em padrões e dados pré-existentes, executando ações de forma mecânica e determinista. Esse procedimento, apesar de seu avanço inovador, não pode ser considerado criativo em termos puros, uma vez que não deriva de uma ação consciente e proposital na busca de objetivos valorizados individualmente. A criatividade humana é baseada em significados, intenções, emoções e valores, enquanto a criatividade artificial se desenvolve em um ambiente de causalidade programada.

No entanto, essa nova forma de “criar”, aplicada aos direitos autorais, necessita de um marco regulatório legal inovador, onde a criatividade e o potencial artístico humano sejam redefinidos. No entanto, o desenho dessas novas regras do jogo para a propriedade intelectual não é uma tarefa fácil. Primeiro, porque as plataformas de IA podem ser vistas como uma grande máquina de plágio e, como não há rastreabilidade das fontes que usam para gerar o novo trabalho, surge a questão de a quem devemos reconhecer os direitos morais.



Para começar a responder essa pergunta, é bom lembrar que a etimologia da palavra plágio está associada ao ato de roubar pessoas livres para torná-las escravas. Nesse caso, quem seriam os novos escravos: aqueles que usam a inteligência artificial para deixar de fazer um trabalho por considerá-lo pesado ou chato, ou o criador ignorado em seus direitos morais em processos algorítmicos. A história mostra que aqueles que renunciam à sua liberdade por preguiça são geralmente os primeiros a serem descartados. Uma mente criativa nunca pode ser escrava.

Como muitos assuntos humanos, esta questão não é um problema novo. Se Shakespeare fosse publicado agora, seria acusado de plágio. Na sua época, a imitação criativa de outras obras era até celebrada, mas pelo menos o bom gosto era levado para disfarçar convenientemente o processo. *Romeu e Julieta* é um roubo de um conto desconhecido, chamado *Píramo e Tisbe*. Se todos nos lembramos dos Capuleto e dos Montagues, é por causa da capacidade artística e das emoções que os versos do Bardo de Avon produzem em nós.

Em outras palavras, o poder da criatividade está em associar palavras e situações que nos surpreendem e emocionam. Isso força os criadores dessa nova era a fundir a criatividade humana com a capacidade computacional das máquinas, para nos levar a uma nova forma de “pensar”, de maravilhar e cativar um público preso na gaiola da economia da atenção. A inteligência artificial fará apenas parte do trabalho, o resto, o mais desafiador, é uma tarefa humana.

Contudo, é importante perguntar se é justo falar em falta de originalidade quando as criações emergem de um oceano de conceitos que, durante milénios, guardamos no nosso património comum. Sem a participação de qualquer



inteligência artificial, há mais de sete séculos ocorreu esse fenômeno do “plágio”, que nada mais é do que fruto de uma confluência de vozes e tradições que viajaram entre águas, permeando elegias e manuscritos: três poetas, separados por alfabetos diferentes e a grandes distâncias, chegaram a expressões surpreendentemente semelhantes.

O letrista chinês Li Po (701-762) captou num dos seus poemas: *“Os feitos e os homens viajam para a morte, como o curso do rio Azul que se funde no oceano...”*, mais tarde, o andaluz Abul Beka (1204-1285.) cantou: *“Como o rio constante em direção ao mar, assim flui a passagem implacável do tempo...”*, e mais tarde, o castelhano Jorge Manrique (1470-1479) escreveu: *“As nossas vidas são os rios que desaguam no mar, que está morrendo...”* Durante anos, esses casos de semelhanças não geraram polêmica. A crítica contemporânea surge porque essas coincidências são agora o resultado de um simples clique e não de horas de estudo de textos acadêmicos.

O individualismo e o culto à originalidade surgem na era moderna devido à necessidade econômica de alimentar mercados que exigem variedade e reconhecimento da personalidade artística. Antes da chegada do capitalismo moderno, os escritores e artistas eram geralmente financiados por um patrono que os libertava da concorrência para conquistar um público vasto. Num grande mercado de bens e serviços culturais, é fundamental associar a criação artística a um nome que costuma ser um fator importante no consumo.

A proteção dos direitos autorais protege não só o criador, mas também a pessoa que usufrui da obra, pois garante o vínculo de qualidade estabelecido entre ambos. Sem as garantias e incentivos proporcionados pelos direitos autorais, não teria



sido possível, em termos reais, construir a atual galáxia de Gutenberg com sua enorme variedade de títulos, autores e adaptações em outros formatos para todos os gostos.

As pistas para começar a proteger a criatividade através dos direitos autorais na era da inteligência artificial podem ser encontradas em um ensaio de T. S. Eliot sobre o poeta Philip Massinger:

*Poetas imaturos imitam; poetas maduros roubam; Os maus poetas desfiguram o que tomam, e os bons poetas transformam-no em algo melhor, ou pelo menos diferente. O bom poeta integra seu roubo em uma bola de emoções única, totalmente diferente daquela da qual a rasgou; O mau poeta joga-a no meio de algo que não tem coesão. Um bom poeta normalmente recorrerá a autores remotos no tempo, ou com um sermão diferente, ou de interesse para outros.(1996, parágrafo 7)*

Embora uma ferramenta como o ChatGPT abra as portas a todos os poetas, os novos espaços de criatividade e as suas margens de correta proteção jurídica são redefinidos no valor de quem faz a pergunta, a obrigatoriedade da transparência do seu uso adequado perante o público, a responsabilidade pelo conteúdo criado e o direito à privacidade dos usuários.

Além disso, a originalidade desempenha um papel vital na divulgação da obra para compreender as necessidades culturais dos leitores. No caso ibero-americano, é preponderante que este tipo de ferramentas seja alimentada com o nosso universo de conteúdos literários e históricos, para corrigir os preconceitos dos algoritmos e ter uma voz forte que nos torne visíveis neste novo espaço.





Se queremos setores culturais dinâmicos, temos de nos ajustar a esta nova realidade, a tudo o que exige o cumprimento das regulamentações relativas aos direitos de autor e mesmo ao direito das marcas, para evitar que os incentivos morais e económicos para os criadores sejam diminuídos devido à proliferação de cópias falsas.

Quanto à importância da originalidade, voltamos a Asimov em seu conto *A Última Resposta*, em que a consciência do personagem fica presa após sua morte em um diálogo eterno com um tipo de inteligência mística superior que reconhece que, apesar de seu conhecimento infinito, existe um potencial para novos conhecimentos que também é infinito e talvez mais vasto do que o que já possui.

O protagonista, Murray, será responsável por encontrar “caminhos” para viajar do conhecido ao desconhecido, usando sua capacidade de lembrar, aprender e deduzir. Embora a inteligência superior possua a capacidade de fazê-lo por conta própria, ela prefere delegar essa tarefa a ela mesma, e encontra prazer no processo criativo e exploratório que isso implica, em vez da obtenção imediata das respostas.

O relato afirma que o universo foi feito com princípios de incerteza e aleatoriedade, com o propósito de incentivar a exploração e a descoberta contínua, destacando o valor do aprendizado e a satisfação derivada de navegar na complexidade do desconhecido. A ideia de originalidade está ligada a este processo e à sua expansão infinita através da exploração e da introspecção, tarefa que deve ser vista, a partir de agora, como um desafio gratificante para todos os humanos, se não quisermos ser substituídos.



Cabe a nós e às nossas decisões individuais como agentes culturais propor como vamos canalizar o impacto destas novas tecnologias nas nossas vidas. Sim, existe o risco de sermos substituídos em muitas das nossas funções atuais e cairmos no esquecimento, mas lembremos sempre que temos a capacidade de pensar e, melhor ainda, de repensar.

## Referências

- Beltrán, V. (Ed.). (s. f.). Jorge Manrique. *Coplas a la muerte de su padre*. [https://www.rae.es/sites/default/files/Coplas\\_a\\_la\\_muerte\\_de\\_su\\_padre.pdf](https://www.rae.es/sites/default/files/Coplas_a_la_muerte_de_su_padre.pdf)
- De Schack, A. F. (1944). *Poesía y arte de los árabes en España y Sicilia*. J. Valera (Trad.). Centauro.
- Eliot, T. S. (1996). *The Sacred Wood. Essays on poetry and criticism*. <https://www.bartleby.com/lit-hub/the-sacred-wood/philipmassinger-2/>
- Grijalbo, J. M. (s. f.). Li Po / Li Bai. [https://www.grijalvo.com/Citas/b\\_Li\\_Po.htm](https://www.grijalvo.com/Citas/b_Li_Po.htm)
- Lectura. (2023). Isaac Asimov: *La última respuesta*. <https://lecturia.org/cuentos-y-relatos/isaac-asimov-la-ultimarespuesta/8919/>